

40º Encontro Anual da Anpocs

ST11 Dinâmicas subjetivas e espaço público: gramáticas emocionais, corporais e estéticas

Deixa que nos olhem!

Uma discussão antropológica a partir das experiências etnográficas com um grupo de mulheres negras na cidade Porto Alegre.

Josiane de Assis Bueno

PPGAS/ UFRGS

Caxambu – MG

2015

1. Introdução

O presente trabalho, fruto de uma pesquisa na área de Antropologia Social, tem intenções de discutir, pensar, refletir e tencionar os modos como são construídas as corporalidades e identidades negras femininas, a partir de diferentes subjetividades que são experienciadas ao longo da vida. Procuro compreender como antes um corpo e uma estética que vinham sendo constantemente marginalizados – seja pela mídia, pelas redes de consumo ou pelos espaços escolares – puderam agora ser reelaborados, ganhando novos significados, especialmente a partir da manipulação dos cabelos.

A análise é feita a partir de trabalho de campo que vem sendo realizado na cidade de Porto Alegre desde o final do ano de 2013. O trabalho possui orientação etnográfica e é realizado junto a mulheres negras participantes de um grupo bastante atuante nas redes sociais virtuais, intitulado “Gurias Crespas e Cacheadas”, atualmente esse grupo é constituído por cerca de duas mil mulheres de várias partes do Rio Grande do Sul, sendo sua maioria residentes da capital. O grupo é composto apenas por mulheres, *cisgênero*, (JESUS, 2012, p.14) e todas são autodeclaradas negras. A classe social é mais ou menos homogênea, podemos dizer que as integrantes do grupo pertencem a classe média. Muitas são universitárias ou possuem cargos e ocupações de nível superior – há no grupo professoras, advogadas, administradoras, enfermeiras, psicólogas e jornalistas, por exemplo –, as idades variam entre 18 e 50 anos.

Além das redes virtuais de comunicação, o grupo tem feito a cada dois ou três meses encontros presenciais; tais encontros são pensados e dedicados a mulheres e seus cabelos. Assim os cabelos, chamados pelo grupo de “cabelo crespo”, “cabelo afro” ou “cabelo natural” tornam-se o centro dos encontros, e a partir da “aceitação” dos mesmos é que as novas maneiras de se relacionar com o corpo e a estética negra surgem.

Tencionar questões que envolvem os cabelos e compreender a sua “história” permitiram-me adentrar o grupo pesquisado, proporcionando questões de discussão que são mais amplas. Em *Trichologiques, une anthrologie des cheveux et des poils*, o pesquisador Christian Bromberger (2010) defende que a importância dos pelos em diferentes partes do corpo, é capaz de marcar e transmitir significados diferentes. O autor conta como que ao longo da história

da humanidade os pelos corporais passaram a ser representados e interpretados de diferentes maneiras de acordo com os diferentes contextos culturais. No capítulo denominado de *Frontières ethniques et sociales*, Bromberger apresenta uma classificação fenotípica que divide as pessoas em três grupos étnicos distintos: o primeiro grupo é chamado de *leiotriches* - seriam pessoas com a cor de pelo branca e cabelos lisos, o segundo é conhecido como *cymotriches* – onde a pele já não é tão branca e os cabelos são levemente ondulados e por último os *ulotriches* – pessoas com os cabelos em formato enrolado ou espiral, e que apresentam características fenotípicas de etnia negra. A classificação descrita pelo autor considera que não é apenas a cor da pele que atribui aos seres humanos determinado pertencimento étnico; o formato do cabelo também assinala determinado pertencimento.

Apresentando uma série de fotografias, pinturas e desenhos, que vão desde antiguidade (pintura de Jesus Cristo) até períodos mais atuais (como o jogador francês Bacary Sagna em 2009) Cristian Bromberger ainda dirá que as classificações étnicas e sociais, são variáveis e dependem muito da aparência corporal, nesse sentido em algumas regiões do mundo os pelos corporais poderão definir status, poder e beleza. O que o autor tenta demonstrar durante toda a sua obra é o quanto os pelos corporais, e em especial, os cabelos estão envolvidos em códigos e significados que permitem compreender e adentrar determinados contextos históricos, políticos, sociais e culturais.

No caso deste trabalho o cabelo possui um papel importantíssimo, mesmo não sendo o objeto central, foi a partir das discussões em torno dele que se tornou possível minha entrada em campo e participação no grupo. Pensar o cabelo do modo com Cristian Bromberger propõe, permite compreender como gênero, corporalidade e etnicidade são capazes de nos ajudar a pensar a cultura.

No livro *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* a autora Nilma Lino Gomes (2008), percorre durante dois anos quatro salões de beleza na cidade de Belo Horizonte tentando compreender a relação entre dos negros com seus cabelos e suas estéticas. A autora dirá que a questão do cabelo do negro revela zonas de tensão (GOMES, 2008, p.21) e os imaginários em torno dele dizem muito sobre as relações entre negros e brancos no Brasil. A autora também dirá os processos de rejeição, aceitação e ressignificação são fundamentais para compreender o lugar que o cabelo ocupa

na vida dos negros, especialmente na vida das mulheres negras. Nilma Lino Gomes durante todo o seu trabalho utiliza o termo manipulação, a fim de explicar a ação que envolve as alterações capilares.

Os apontamentos trazidos por Nilma Lino Gomes permitem pensar o modo como determinadas subjetividades são alteradas a partir das relações que são desenvolvidas com algumas partes do corpo. No caso deste trabalho, as alterações de subjetividades e os novos modos de ser mulher negra são reelaboradas a medida em que as relações com os cabelos passam a ser positivadas.

Visto que a identidade e a subjetividade podem alterar os modos de ser mulher negra ao longo da vida, o processo de reconhecer-se e identificar-se etnicamente mostra-se como algo dinâmico. Ao analisar mudanças geracionais na Bahia, em *Negritude sem etnicidade*, Lívio Sansone (2004), utiliza o termo etnicidade para tratar das mudanças que ocorrem em relação à autodeclaração de diferentes gerações de negros na cidade de Salvador. Acredito que o conceito de etnicidade consiga articular-se melhor com a proposta de pesquisa, visto que ele se apresenta como um recurso de identificação étnica que não é estático, nem tomado como universal, pelo contrário, demonstra que a etnia é vivida, sentida e interpretada de diferentes maneiras ao longo da vida.

Nesse sentido, considero fundamental a abordagem fenomenológica e em especial a perspectiva trazida pelo conceito de *embodiment*, que permite aporte teórico-conceitual para tratar as ressignificações acerca do corpo e da estética negra. Didier Fassin (2007;2011) trará a perspectiva do *embodiment* – ou adaptado para o português como corporalidade – para referir-se aos corpos que estão atravessados por marcadores sociais, como gênero, raça e classe social. Fassin dirá que os corpos estão imersos numa perspectiva histórica e cultural e que isso deve ser levado em consideração ao analisar contextos sociais distintos. A perspectiva trazida pelo autor ajuda a compreender o corpo como a base da cultura, sendo ele responsável pela nossa interação com o mundo e com os objetos, a percepção só ocorre através do corpo e ele que dá sentido às experiências. A pesquisa permite-me trabalhar com questões teórico-conceituais que envolvem os conceitos de estrutura (BOURDIEU, 1996) e agência (DAS, 1996), que chamaremos de momentos agentivos. Considerando que as mulheres negras são constantemente submetidas às estruturas de poder

que dizem respeito ao racismo e a desigualdade gênero, os momentos agentivos ou a agência são capazes de reelaborar e reconstruir as subjetividades. Sendo assim, estamos lidando diariamente com esses processos, sendo necessário compreender que a produção de subjetividades está submetida ao encontro de agência e estrutura.

O grupo tem se encontrado em praças, parques e outros lugares públicos da cidade. Os espaços públicos são propositais e constituem um elemento de muita importância na elaboração de propostas para os encontros coletivos; são esses espaços que ajudam a dar visibilidade às novas maneiras de ser mulher negra. A frase que dá título a esse trabalho remete a fala que muitas vezes pude ouvir em campo; refere-se àqueles momentos em que é percebido, por parte do grupo, que pessoas desconhecidas e curiosas observavam e até questionavam o que estaria acontecendo com aquele grupo de mulheres negras sentadas em um dos parques mais conhecidos da cidade de Porto Alegre. “Deixa que nos olhem!” pode indicar o posicionamento político das participantes do grupo diante daqueles olhares de estranhamento do público que é externo ao grupo.

Tentando atender aos objetivos dessa escrita, procurei trazer questões que permeiam a subjetividade e a estética negra através de dois eixos: o primeiro que consiste em compreender alguns agentes que conformam e marginalizam o corpo da mulher negra (estrutura) e o segundo pretende pensar como os encontros coletivos do grupo “Gurias Crespas e Cacheadas” podem ser compreendidos na dinâmica conceitual tratada neste trabalho por momento agentivo, especialmente por ocorrerem em locais públicos da cidade de Porto Alegre. Assim, no segundo eixo deste trabalho, trarei um momento etnográfico para pensar as possibilidades agentivas do grupo pesquisado. Chamo atenção aqui para a questão da visibilidade que é constantemente reivindicada por parte das participantes do grupo; veremos que a visibilidade é um elemento potente que permitirá repensar a própria etnicidade, a corporalidade e as relações com o mundo.

2. A Marginalização da estética negra – Estrutura

O sudeste do continente africano é conhecido por seus povos originários que ainda preservam costumes ancestrais e é dessa parte do continente que

são os conhecidos *Khoisan* – esse nome diz respeito a dois povos que vivem nessa região. Talvez a particularidade desse povo resida em sua estética; devido a alterações genéticas esses povos são em média mais baixos e esguios que os restantes povos africanos. Além disso, possuem uma coloração de pele amarelada e os olhos lembram os traços dos chineses e de outros povos do Oriente. Algumas destas características são agora comuns a outros grupos étnicos sul-africanos, sendo parentes distantes, por exemplo de Nelson Mandela¹. Há outra particularidade física desse povo; as mulheres dessa região são conhecidas pela genitália e quadril avantajados (Figura 1).

No início do século XIX uma das mulheres dessa região, Sarah Saartjie Baartman, foi retirada de seu lugar de origem e levada à Europa. Além de trabalhar como empregada doméstica, Sarah passou a ser exibida em shows de horrores, circos e feiras em diversos locais do continente. Essa mulher ficou conhecida como Vênus Negra ou Vênus de Hentonte (Figura2). Vênus era “exótica” para as pessoas daquela região.

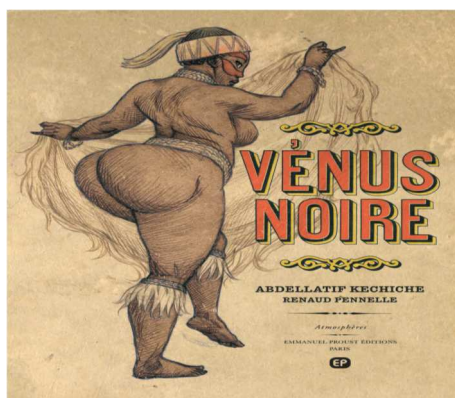
Figura 1 – Mulheres africanas do povo *Khoisan*



Fonte:<http://historianointerior.blogspot.com.br/2013/06/africa-o-berco-da-historia-da.html>

¹ Informação retirada de <https://escrevivencia.wordpress.com/2013/01/11/a-venus-negra-amulata-exportacao-e-o-corpo-da-mulher-negra-na-sociedade-do-espetaculo/>

Figura 2 – Reprodução do cartaz onde era anunciada a Vênus Negra.



fonte:[http://1.bp.blogspot.com/-](http://1.bp.blogspot.com/-EA7mOWVEfcAT1aZpiP6LVI/AAAAAAAAAMo/StbGRZDz4qw/s1600/lavenus-noire.jpg)

[EA7mOWVEfcAT1aZpiP6LVI/AAAAAAAAAMo/StbGRZDz4qw/s1600/lavenus-noire.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-EA7mOWVEfcAT1aZpiP6LVI/AAAAAAAAAMo/StbGRZDz4qw/s1600/lavenus-noire.jpg)

A palavra “exótica” no seu significado genuíno diz respeito aquilo que é de fora, de outra região, mas também pode referir-se a algo estranho ou esquisito. É comum ainda nos dias de hoje essa palavra ser utilizada para referir-se a mulheres negras; são constantes os “elogios” onde o termo beleza exótica é atribuído as mulheres negras e afrodescendentes (VALENTIM, 2015, p.06).

A pesquisadora Ivanilde Guedes de Mattos em sua tese de *A negação do corpo negro: Representações sobre o corpo no ensino da Educação Física*, ao trabalhar com estudantes da escola pública percebe que a relação com construção da corporalidade negra está atravessada por relações de poder e processos disciplinares. A autora argumenta que durante muito tempo algumas instituições estiveram interessadas em controlar e disciplinar determinados corpos – seja através da política, da medicina ou da escola. E que nesse sentido o estereótipo, enquanto representação social é um mecanismo bastante complexo para pensar a relações dos negros com os seus corpos.

A força discursiva que opera para que ocorram as representações pejorativas relacionadas ao corpo mulher negra, fazem parte uma construção histórica e que é constante afirmada e reforçada. Nesse sentido é necessário considerar dois agentes bastante responsáveis para que ocorram esse tipo de construção: primeiramente a escola – além dos brinquedos e das histórias infantis, os livros didáticos constroem e reforçam a ideia de um corpo negro forte para trabalho braçal, mas ao mesmo tempo submisso ao poder estrutural. É

muito comum encontrarmos nos livros didáticos da disciplina de história, representações sobre a escravidão onde os negros aparecem sendo açoitados, trabalhando ou sentados encurvados em posições que indicam estados de submissão (Figura 3), ao invés de encontramos imagens do jogo de capoeira ou do culto aos Deuses Africanos, fatos que também ocorreram durante o período escravagista.

Figura 3 – Mulheres negras trabalhando durante o período colonial.



Fonte: <http://a-historia-do-trabalho-escravo.webnode.com/blog/>

Outro agente muito potente na construção e no reforço desse tipo de pensamento é a mídia: as campanhas publicitárias, as novelas, os programas de televisão são também responsáveis pelo lugar ocupado pelas mulheres negras na sociedade. Nesse sentido, os anúncios publicitários tratam as mulheres de maneira geral, de forma estereotipada e as mulheres negras, muitas vezes acabam sendo esquecidas na hora de vender os produtos para as grandes marcas, ou seja, são invisibilizadas pelas campanhas publicitárias ou, na maioria das vezes quando aparecem, seus corpos acabam sendo hiperssexualizados (Figura 4).

Figura 4 – Campanha publicitária da Cerveja Devassa



Fonte: <http://www.mcnadv.com.br/noticias/migalhas-com-br/nao-e-ofensiva-propaganda-devassa-com-referencia-ao-corpo-da-mulher-negra>

Toda essa conjuntura cultural, histórica e política fazem parte do que Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1970) denominaram por violência simbólica. Para os autores, violência simbólica é uma forma de coerção que se firma no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica. A violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças durante os processos de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante. Os autores também dirão que essa violência construída histórica e culturalmente, permanece porque está inscrita em uma estrutura social que tende a ser permanente, pois é constantemente reforçada pelas instituições.

As mulheres negras e seus corpos estão constantemente submetidos a estruturas rígidas de controle e poder, assim os processos discursivos das ciências, das instituições e da sociedade de maneira geral, tendem a conformá-las em determinadas posições, lhes atribuindo determinados papéis. Dessa maneira em qualquer sociedade, os corpos estão presos no interior de poderes, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (FOUCAULT, 2004, p. 126).

No Brasil, uma das festas mais aguardadas do ano é o carnaval – talvez pelas questões que envolvem os rituais e inversões de sistemas e hierarquias, como apontou Roberto Damatta (1997) em *Carnavais Malandros e Heróis*. Pensando na questão corporal que estamos discutindo aqui, o carnaval representa um período contraditório e ambíguo ao falarmos no corpo da mulher negra.

Desde os anos 90 estamos acostumados a ver durante o período do carnaval no intervalo dos programas da Rede Globo, uma mulher negra nua dançando em ritmo de samba. Essa mulher é conhecida por nós como Globeleza (Figura 5), desde o período que suas aparições iniciaram na televisão essa personagem do carnaval brasileiro já ganhou vários temas e várias modelos que fizeram o seu papel. Podemos dizer que a Globeleza é por excelência a referência de beleza negra no Brasil. E também nessa análise, podemos considerá-la um grande símbolo da hiperssexualização que a mídia produz sobre o corpo da mulher negra.

Além dos desfiles das escolas de samba, nos sambódromos, durante os dias do carnaval também ocorrem bailes a fantasias em clubes, bem com shows

na rua com carros de som, conhecidos como trio elétrico. Uma das fantasias mais tradicionais é conhecida como “nega maluca” (Figura 6). Inspirada no *blackface*² dos Estados Unidos no século XIX, essa fantasia exagera nos traços, ridiculariza os cabelos e escurece a cor da pele, pintando-o de preto. Mais uma vez, podemos perceber o quanto o corpo da mulher negra é alvo de desumanização e estereótipos pejorativos.

Figura 5 – Todas as gerações de Globelezas, por ordem de sucessão.



Fonte: http://www.purepeople.com.br/noticia/globeleza-voce-lembra-de-todas-as-mulatas-davinheta-de-carnaval-da-globo_a37699/1

Figura 6 – Fantasia de Nega Maluca no carnaval.



Fonte: <http://arquivo.geledes.org.br/racismo-preconceito/racismo-no-mundo/15899-y-a-bonbanania-e-a-influencia-continua-no-estereotipo-do-negro>

² refere-se à prática teatral de atores que se coloriam com o carvão de cortiça para representar personagens afro americanos de forma exagerada e estereotipada - geralmente em *minstrel shows* norte-americanos. No início do século XX, o *blackface* ramificou-se dos *minstrel shows* tomando forma própria até o seu fim nos Estados Unidos graças ao Movimento dos direitos civis dos negros naquele país. A prática ganhou popularidade durante o século XIX e contribuiu para a proliferação de estereótipos em relação aos afro-americanos. Em 1848, *minstrel shows* com *blackfaces* eram uma arte nacional americana da época traduzida em arte formal, como óperas em termos populares para uma audiência geral.

Fonte: <http://www.geledes.org.br/nega-maluca-black-face-e-racismo/>

Segundo as participantes do grupo pesquisado, a escola, mídia e publicidade são as grandes responsáveis pela continuidade e estruturação do racismo. Segundo as mesmas, esses três agentes apresentam a mulher negra de maneira ruim e marginalizante. De maneira que tornar-se necessário pensar em estratégias que subvertam o modo como imagem do corpo negro foi sendo construída.

A visibilidade também é política – Momentos agentivos

Como referido na introdução desta escrita, o trabalho de campo foi feito no estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente na capital Porto Alegre. A capital é a preferida do grupo na hora de realizar os encontros por duas razões: em primeiro lugar é nessa cidade que se concentra a maior parte das integrantes do grupo e em segundo, os parques e outros lugares públicos da cidade parecem atender melhor a proposta de dar visibilidade ao grupo e suas reuniões.

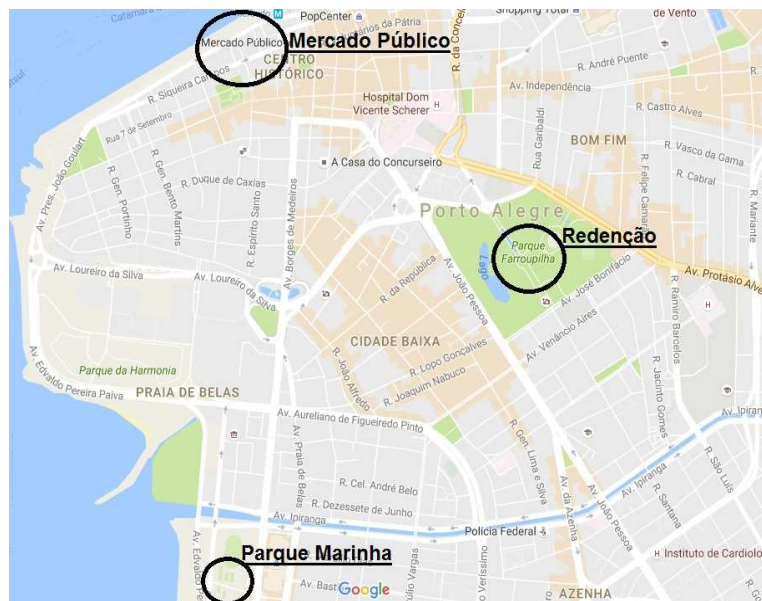
O Parque da Redenção ou Parque Farroupilha fica localizado no bairro Bom Fim, região central da cidade de Porto Alegre. É um lugar bastante conhecido na cidade, seja pela ampla área arborizada e verde que compõe o local, seja pelas feiras de artesanato local e agricultura orgânica que faz o parque nos finais de semana. Também é um local historicamente marcado como um lugar de lutas e reivindicações políticas por parte dos diversos grupos sociais e políticos que buscam espaço na cidade. O Parque da Redenção foi favorito para a realização dos encontros durante o tempo que acompanhei o grupo.

O Parque Marinha também foi local de encontro uma vez e assim como Parque Redenção, o local é aberto e fica localizado ao lado de grande shopping center na cidade, o Praia de Belas. Além disso também está bem próximo do Estádio Beira Rio, do time Sport Club Internacional, que é ponto turístico na cidade de Porto Alegre.

O centro da cidade também pode considerado ponto de encontro, é nele que as participantes se encontram antes de se dirigir as reuniões coletivas do grupo. No centro o ponto de encontro é o Mercado Público, pois é de fácil acesso e nas suas laterais saem ônibus que percorrem diversos bairros da cidade. Como podemos perceber o Parque da Redenção, o Parque Marinha e o Mercado

Público, localizam em regiões centrais de Porto Alegre (Figura 7) tornando-se assim locais estratégicos de visibilidade.

Figura 7 – Parte do mapa de Porto Alegre



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/porto+alegre>

Os locais públicos e abertos constituem uma parte importantíssima para a proposta e afirmação identitária e visibilidade do grupo, talvez pelo que explica o historiador Carlos Alfredo Gadea, no livro *Negritude e pós-africanidade: Crítica das relações raciais contemporâneas*, ao falar de juventude negra na cidade de Porto Alegre:

[...]Quantitativamente poucos, conformando uma verdadeira minoria cultural no contexto *Parque da Redenção*, não se percebe neles a prática deliberada de um discurso sobre um suposto “passado-referência” associado a um conteúdo eventualmente “político-emancipatório” sobre a discriminação racial que fundamente uma base significativa de sua experiência social enquanto jovens negros. Quer dizer que não parecem materializar um “corpo negro” previamente inserido numa narrativa sobre o *espaço da negritude* baseada em regras de “ancestralidade” e “descendência” africana. Para eles, a negritude é um espaço de negociação e disputa, de “lutas semânticas” na medida em que estão ali, no “espaço aberto” do parque, é para, justamente, transgredir um “corpo negro” colonizado sob as “marcas” de uma subalternidade” que não lhes permite “escapar” de uma historicidade convertida em “fatalidade” individual. O “corpo negro” sujeito à negritude é o maior desafio a ser quebrado. (GADEA, 2013, p.56-57).

A escolha dos locais públicos da cidade de Porto Alegre é intencional, e é justificada pelas organizadoras de diversas maneiras, tais como: “Queremos ser vistas.”, “É muito chocante pra essa gente branca de Porto Alegre ver mais vinte pretas sentadas em roda num sábado à tarde”, “A visibilidade também é política!”. Esses comentários revelam uma série de questões que permeiam os encontros coletivos.

As frases citadas acima fizeram parte “XI Encontro das Gurias Crespas e Cacheadas” ocorrido em novembro de 2015. Como em outras edições a dinâmica se deu da seguinte maneira: após a formação da roda, cada participante deveria contar a “história do cabelo”.

Relatar a “história do cabelo” era o momento inicial do encontro e deveria ser feito da seguinte maneira: primeiramente, apresentar-se e explicar a relação com o cabelo durante a infância e idade escolar, em seguida descrever o período da adolescência e por último relatar a fase de afastamento dos tratamentos capilares com químicas (também chamado de afastamento das “drogas”) e chegada ao grupo “Gurias Cacheadas”.

A sequência cronológica que é escolhida para trazer ao grupo a trajetória capilar individual de cada participante, indica um processo gradual na vida de cada uma delas; elencar infância, adolescência e fase adulta parece remeter a uma certa evolução de pensamento e de comportamento. De maneira geral o relato das participantes era bem similar, assim: no período da infância havia uma reclamação com relação aos brinquedos dos anos 80 e 90, assim nenhuma das 20 mulheres presentes no encontro tiveram, durante a infância, bonecas negras. Um outro aspecto marcante das narrativas, era a identificação da entrada na escola como um período de certa tristeza, pois o as suas mães relacionavam cuidado com cabelo com ato de prendê-los ou trançá-los, o que gerava constrangimentos perante os colegas.

O período da adolescência é tomado por referências de beleza brancas dos anos 90, assim a ruptura com o período da infância se dá pelo alisamento dos cabelos com produtos químicos. Vale ressaltar que a “vontade” de ter cabelos lisos, está associada com o ideal de felicidade e beleza que representam, as classes mais altas vêm impondo seu padrão de consumo, como bem observou Pierre Bourdieu (2006). Trata-se de uma imposição de um certo tipo de consumo que vem das classes dominantes para as classes mais baixas.

Isso foi o que Débora Krische Leitão e Rosana Pinheiro Machado (2006) chamaram de consumo de Cima para baixo, que é quando ocorre uma certa imposição daquilo que é valorizado por grupos economicamente dominantes. No caso, as autoras referiram-se ao consumo de bens e a questão da falsificação de artigos de luxo o que, mesmo considerando as diferenças em relação à presente pesquisa, pode ser útil para entendermos o que ter cabelos lisos representa no Brasil.

Os relatos da fase adulta remetem ao regaste da autoestima e o reconhecimento da etnia, especialmente porque esses elementos estão relacionados com a aceitação e a valorização dos cabelos. Também é nessa fase que o uso de turbantes passa a ser incorporado no processo de construção de uma identidade negra. O uso desse adereço gerou inúmeras discussões no grupo, especialmente por estar relacionado a questões de apropriação cultural. Essa discussão tem gerado, há tempos, muitas tensões e algumas integrantes migraram e formaram outros grupos para discutir o assunto de maneira aprofundada.

O modo como a “história do cabelo” é contado relaciona a fase adulta a um período de conscientização e melhora, sendo assim há nos relatos a construção de um passado ruim faz parte das narrativas e pode ser contrastado com um presente bom, e até mesmo com um futuro quando se fala na educação dos filhos.

Esse encontro ocorreu em sábado, por volta das 14hs no Parque da Redenção e contou com mais ou menos 30 participantes. Como referido anteriormente, as participantes do encontro sentam-se em formato de roda, o que segundo uma das organizadoras tem dois objetivos: primeiramente, que todas possam se enxergar, pois os contatos visuais são fundamentais para a criação de vínculos e permitem a cada participante a chance de ser vista por todas as outras durante o seu relato pessoal.

Em segundo lugar, sentar em formato circular (em roda) remete a práticas ancestrais e até mesmo subversivas e de resistência corporal durante a escravidão (GOMES & MUNANGA, 2006). A roda remete a muitas simbologias e significados; pode-se perceber que para os encontros das “Gurias Crespas e Cacheadas”, a prática foi feita em todos os encontros que participei, sendo que só após todas as participantes terem formado o círculo é que os encontros

iniciam oficialmente. A roda carrega elementos interessantes para pensar a relação do grupo pesquisado com o espaço público, talvez a importância possa ser pensada a partir das considerações trazidas pelas pesquisadoras Maiana Lima e Patrícia Maria da Silva, no texto *Valores civilizatórios africanos em performance: Emicida, Livia, Natália e Guellwar Adún*, ao falar do projeto do governo federal *A cor da cultura*:

CIRCULARIDADE

Todos nós conhecemos o prazer que advém do ato de sentar em roda com amigos para contar histórias, fazer música, brincar com jogos ou manifestar a religiosidade. Os próprios valores civilizatórios são bons exemplos de circularidade. A vida é cíclica. Podemos estar muito bem agora e numa posição ruim depois até que voltemos a um estado satisfatório. A humanidade inteira permanece unida por este sentimento circular. “O terreiro tem o papel importantíssimo de resgatar a Mãe África, mesmo que através de uma nostalgia, de um lamento. E é esse território representado pelo círculo que vai reaparecer em várias atividades, de cunho religioso e também no espaço lúdico. Essa mesma roda está presente na capoeira, no jongo, no tambor de crioula, na gira da umbanda e no samba.
(LIMA; SILVA, 2014, P.04).

Além da partilha de histórias que a roda traz, elementos que percorrem a subjetividade, a memória e ancestralidade podem ser trazidas também ao sentar-se dessa maneira, neste caso. Além disso, a roda remete a ideia de unidade e partilha, o que gera um impacto visual a quem está passando nos lugares públicos no momento em que está ocorrendo algum encontro. Todas as participantes do encontro sentam-se no chão, algumas amparadas por algum pano ou pedaço de papelão, mas a maioria prefere sentar na grama alegando sentirem-se bem e confortáveis.

No centro da roda ficam estendidas cangas de praia e toalhas de mesa, que servem para aparar os lanches que são trazidos por cada participante do encontro. As comidas e as bebidas são solicitadas no momento em que o encontro é criado no *Facebook*, e cada participante deve anunciar antecipadamente o que vai levar, para que os lanches não se repitam durante o encontro. O piquenique geralmente é o segundo momento do encontro, ocorrendo após a formação da roda e a “história do cabelo”.

Os lanches também são pensados em função do tempo dos encontros, especialmente por causa das crianças que podem ficar muitas horas sem comer.

As crianças tem sido presenças constantes nos encontros, muitas participantes levam seus filhos por acreditar que é importante para os mesmos conhecer outras pessoas negras de “cabelo natural”. Além dos lanches, as crianças também contam com uma “rodinha” a parte onde ficam disponíveis alguns livros infantis com personagens e alguns brinquedos.

Como referido anteriormente, no “IV Encontro das Gúrias Cacheadas”, além do primeiro momento constituído pelo relato da “história do cabelo”, o segundo momento era o da confraternização: além de cada participante do encontro levar um prato de doce ou salgado para compor o piquenique, também foi solicitado que cada uma levasse um produto para ser trocado no terceiro momento do encontro; amigo-secreto.

O amigo-secreto consiste num jogo de trocas, onde cada pessoa deve sortear um nome e escolher um presente para pessoa que sorteou – o objetivo do jogo é que todos possam trocar presentes. Como o objetivo era de trocar presentes no dia do encontro, o sorteio foi feito virtualmente com por site específico, após o sorteio cada participante deveria procurar no grupo quem era a sua amiga-secreta e descobrir o máximo de informações sobre ela para acertar no seu presente capilar.

Na escolha dos produtos adequados devem ser evitados os aqueles que contém nos seus componentes derivados do petróleo (*petrolatum*/petrolato, *mineral oil*/oleo mineral, *parafinum liquid*), sulfatos (*sodium laureth sulfate*, *sodium laurilsulfate*, *ammonium lauryl ether sulfate*, *ammonium lauryl sulfate*) e silicones insolúveis (*Amodimethicone*, *cetearyl methicone*, *cetyl Dimethicone*, *cyclomethicone*, *cyclopentasiloxane*, *dimethicone*, *dimethiconol*, *stearyl dimethicone*, *trimethylsilylamodimethicone*, *simethicone*, *polydimethylsiloxane*, *methicone*)¹.

Ao escolher um produto o rótulo deve ser lido com atenção e será a partir dele que será possível identificar se esses itens estão ou não presentes na composição química de cada shampoo, condicionador, máscara de tratamento, creme para pentear, gel ou fórmula de crescimento capilar. Após ouvir muitos relatos durante os encontros descobri que os produtos livres desses

¹ Retirado de <http://garotatipo4.blogspot.com.br/2014/04/lista-de-produtos-se-evitar.html>

componentes deixam os cabelos mais saudáveis e com um crescimento satisfatório. Então ler os rótulos antes da compra é fundamental para quem quer ter os cabelos bonitos e “cheios de vida”, bem como é indispensável na hora de escolher o produto para trocar no amigo-secreto do grupo.

Outra questão importante é que esses componentes a serem evitados aparecem nas fórmulas dos produtos para alisamento capilar e como dito anteriormente, relatar a “saída das drogas” era relatar a fase do abandono dos químicos alisantes. Durante os encontros pude perceber o quanto o resgate e o reconhecimento da etnia se dão inicialmente pela aceitação do próprio cabelo; relacionar o tratamento com químicas com o uso “drogas”, indica a experiência negativa dessas mulheres com as práticas de alisamento. Assim, evitar usar produtos que contém os componentes proibidos marca uma distância entre o passado ruim e o presente marcado pela conscientização.

O amigo-secreto pode ser enquadrado como um sistema de dádivas, como indicou Marcel Mauss (2003) em *O ensaio sobre a dádiva*, visto que gera expectativa, cria alianças e modalidades de relacionamento. Essa dinâmica de trocas foi realizada em quase todos os encontros que participei, além dos produtos, também foram trocados acessórios para cabelo, receitas caseiras, muitos abraços e palavras de acolhimento.

Considerando e localizando as especificidades do estado de Rio Grande do Sul no cenário brasileiro de maneira mais geral, nos estados do sul do Brasil a colonização europeia e as políticas de branqueamento do século XIX, terminaram por “clarear” e “branquear” a população (GOMES; MUNANGA, 2006, p. 11 – 25), fazendo com que o índice de população negra nos estados da região sul fosse pouco significativo, se comparado aos estados do nordeste do Brasil, por exemplo. Sendo assim torna-se instigante pensar porque um grupo de mulheres vem se reunindo a mais de dois anos em locais públicos de Porto Alegre para falar sobre os seus cabelos. O questionamento que segue se dá no sentido de compreender o porquê torna-se tão importante afirmar-se etnicamente em um contexto social, histórico e político que parece tão desfavorável, seja pela desigualdade de gênero, seja pelo racismo.

Durante o “IV Encontro das Gurias Crespas e Cacheadas” foram muitos os olhares lançados ao grupo pelas pessoas que passeavam ou trabalhavam no Parque da Redenção naquela tarde sábado. Os olhares de estranhamento e

curiosidade do público que não participavam do encontro, não incomodaram ou perturbaram as mulheres negras que estavam ali reunidas para falar sobre seus cabelos, pelo contrário, os olhares serviram como estímulo e até mesmo tomada de posição em relação aquele espaço público.

A luta por visibilidade e reconhecimento da população negra é um elemento que tangencia as questões que são discutidas no grupo diariamente, via redes sociais. Assim a visibilidade negra na cidade de Porto Alegre pode ser pensada não só em termos estéticos, mas também em termos sociais e econômicos, como indica a tese intitulada *Família e Ascensão Social de Negros em Porto Alegre* da antropóloga Daisy Macedo De Barcellos. A pesquisadora mostrou que mesmo com todas as dificuldades e exclusões das famílias negras gaúchas, estas conseguiram articular estratégias e mecanismos de ascensão, mobilidade e resistência, reconhecendo-se como negros naquele tempo-espaço, em meados da década de 1990. O trabalho da antropóloga aponta para o problema da identidade referenciando o pertencimento que envolve questões de ordem de classe e étnico-racial, considerando além das redes sociais familiares, os espaços de sociabilidade onde a identidade se constrói e se atualiza (BARCELLOS, 1996, P. 4)

A cidade de Porto Alegre também faz parte da dissertação de Mestrado de Fabiela Bigossi intitulada *Trejetórias universitárias: estudo etnográfico da construção de projetos de vida dos estudantes negros em Porto Alegre* que no ano de 2007, período anterior a implementação da política de cotas na UFRGS, investigou os projetos de vida e família de estudantes universitários negros. A autora demonstra como se dão os projetos pessoais e familiares de ascensão através da passagem pela universidade. Nove interlocutores de diferentes instituições de ensino superior fizeram parte da pesquisa, mostrando que os projetos pessoais são constituídos de elementos objetivos e subjetivos, e que os projetos de ascensão, muitas vezes entram em conflito com a construção de um projeto familiar (BIGOSSO, 2009, p. 09).

Ambos os trabalhos indicam a maneira como a identidade negra está sendo construída na cidade de Porto Alegre; o destaque dado a questão geracional é fundamental, mas a importância do ingresso no ensino superior é também uma questão relevante, pois um grau mais elevado de escolaridade pode proporcionar mais oportunidades no mercado de trabalho formal e de

ensino superior, maior acesso aos bens de consumo e, ainda permitir que sejam compreendidas algumas estruturas e relações de poder presente nas relações cotidianas – nos dois trabalhos, o ingresso no ensino superior parece constituir um momento chave para a (re)construção dessas identidades negras. Por fim, essas etnografias conseguem, até certo ponto, trazer apontamentos importantes sobre a mobilidade social econômica da população negra nos últimos vinte anos no Rio Grande do Sul.

Considerando o que foi exposto anteriormente, as mulheres negras encontram-se numa situação de desvalorização e submissão diante das estruturas sociais e dos processos discursivos que envolvem as relações de poder. Assim consideramos pensar as perspectivas de Veena Das (1996) para compreender as “estratégias” que são subjetivadas nos processos de resignificação desse corpo e desse modo de ser mulher negra.

Veena Das, em *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*, elabora uma explicação consistente para explicar os conceitos de ordinário e extraordinário – enquanto o primeiro diz respeito aos acontecimentos do cotidiano e da vida comum, o segundo se refere a fatos que ocorrem de maneira não convencional, ou seja, diz respeito aos acontecimentos que aparentemente não são corriqueiros. Pensando em termos de agência e estrutura, podemos relacionar o ordinário à estrutura, e extraordinário aos momentos de agência. É de máxima importância compreendermos que esses conceitos possuem uma relação de interdependência, ou seja, a agência ocorre no interior da estrutura. Dessa maneira o conceito de agência torna-se importante para compreender os processos de subjetivação e resignificação dos corpos negros.

A obra de Veena Das é extensa, e embora a autora não tenha se apegado a uma definição circunscrita do que o conceito de agência significa exatamente, é possível compreendê-lo durante parte dos seus escritos. Em *The act of witnessing: violence, knowledge, and subjectivity*, Veena Das (2000) nos relata a dureza da estrutura do sistema indiano a qual sua interlocutora Asha está submetida, especialmente por ser uma mulher viúva. Durante a leitura do texto autora nos revela as estratégias de resignificação do sofrimento, da dor e da violência que Asha consegue realizar. Nessas estratégias de resignificação, o silêncio passa a ser uma ferramenta potente para lidar com toda aquela situação

desoladora. O processo de recolocar-se e habitar novamente aquele mundo que foi causador de tanto dor e sofrimento, pode ser considerado agência, ou colocando de outra maneira, um momento agentivo. Ao tratar de ordinário e extraordinário, estrutura e agência, Veena Das nos mostra que o que une todos esses planos é o cotidiano, pois é através dele que existe a possibilidade de dar outros significados ao mundo e a própria existência.

No caso desse trabalho, as mulheres negras do grupo pesquisado reelaboram suas percepções e alteram suas subjetividades, imprimindo novos significados no mundo que habitam. Dessa maneira o cabelo não é só uma expressão identitária, mas é também uma maneira de ressignificação da estética, da etnicidade e da existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hiperssexualização dos corpos negros constitui-se como um agravante em meio a esse cenário – embora tenhamos abordado a questão pensando no corpo feminino, os homens negros também habitam o imaginário social, e geralmente são pensados como sujeitos malandros e dotados de uma sexualidade exacerbada; além disso, são comuns as piadas onde homens negros são conhecidos como detentores de pênis grandes. O processo de assumir-se etnicamente através da valorização do cabelo natural ou da religião de matriz africana, constitui-se como algo demasiadamente relevante quando pensamos em todas as dimensões que nele estão envolvidas.

Falando questões mais teóricas, é como se lidássemos com uma estrutura branca e uma agência negra – para que a agência seja percebida enquanto tal, é necessário termos clareza de que ela não existe sem estrutura. Pensando assim, podemos dizer que existe uma certa dialética entre esses conceitos. Os momentos agentivos ou a agência são capazes de reelaborar e reconstruir identidades, sendo assim, estamos lidando diariamente com esses processos, sendo necessário compreender que a produção de subjetividades está submetida ao encontro de agência e estrutura.

A corporalidade negra, pode ser pensada em termos de *embodiment* como quer Fassin – os contextos culturais, sociais e históricos ao qual a

população negra foi submetida através dos processos discursivos que envolvem relações de poder, é fundamental para compreender os novos processos de corporificação do mundo que estão sendo produzidos pelos sujeitos.

Considerando pensar corporalidade enquanto uma premissa conceitual importante para compreender as novas maneiras de significação corporal, pensar as formas de ser, estar e habitar o mundo constituem eixos importantes para pensar os novos modos de ser mulher negra. Assim a noção de *embodiment* nos ajuda a entender o corpo no nível da experiência e não apenas do discurso.

Pensar a existência faz da filosofia de Maurice Merleau-Ponty (2000) um elemento importante nesse trabalho de pesquisa, especialmente por estar relacionada a questões que evocam a experiência objetiva dos sujeitos. A proposta epistemológica do autor é demasiado complexa, mas pode nos ajudar a compreender como o corpo torna-se o *locus* da experiência.

Além do uso político dos cabelos, há outras estratégias de ressignificação da corporalidade negra feminina – a implementação da Lei 10639/03 nos espaços escolares, o uso de turbantes fora de rituais religiosos, a discussão e a adoração pública das religiões de matriz africana, as rodas de capoeira em locais públicos da cidade, marchas e passeatas com assuntos que dizem respeito a população negra, as reivindicações de festas de “música negra”, as bonecas negras, as feiras exclusivas para empreendedores negros, os concursos de beleza negra, as mídias direcionadas para o público negro (incluindo revistas, jornais, novelas, seriados e programas musicais) e outras manifestações.

Importante destacar que essas manifestações encontram no espaço público seus “atestados sociais de legitimidade”, pois se ocorressem em locais particulares ou privados, os desdobramentos e impactos sobre a vida das mulheres do grupo pesquisado, seriam certamente diferentes.

Referências

BARCELLOS, Daysi. “**Família e Ascensão Social de Negros em Porto Alegre**”. Tese de doutorado PPGAS-UFRJ, Museu Nacional. Rio de Janeiro, 1996.

BIGOSSI, Fabiela. **Trejetórias universitárias: estudo etnográfico da construção de projetos de vida dos estudantes negros em Porto Alegre.** Dissertação de Mestrado PPGAS – UFRGS. Porto Alegre, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção.** São Paulo. Zouk, 2006.

_____; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

BROMBERGER, Christian. **Trichologiques, une anthrologie des cheveux et des poils.** Bayard, 2010.

DAS, Veena. **The act of witnessing: violence, knowledge, and subjectivity.** In: DAS, V. et al. (Org.). *Violence and subjectivity.* Berkeley: University of California Press, 2000.

_____. **Critical events: an anthropological perspective on contemporary India.** New Delhi: Oxford University Press, 1996

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª edição. Rio de Janeiro. Rocco, 1997.

FASSIN, Didier. ***When bodies remember: experiences and politics of AIDS in South Africa.*** Berkeley: University of California Press. 2007.

14

_____. **Uma trajetória antropológica: entrevista com Didier Fassin.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 257-279, jul./dez. 2011

GADEA, Carlos Alfredo. **Negritude e pós-africanidade: Crítica das relações raciais contemporâneas.** Sulina. Porto Alegre/ RS, 2013

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 2º Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____; MUNANGA, Kabenguele. **Para entender o Negro no Brasil de Hoje: Histórias, Realidades, Problemas e Caminhos.** 2º Ed. Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação, 2006

JESUS, Jaqueline. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos.** Brasília, 2002

LEITÃO, Debora Krischke; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **O luxo do povo e o povo do luxo: consumo e valor em diferentes esferas sociais no Brasil.** In: Antropologia e consumo. Diálogos entre Brasil e Argentina. LEITÃO, Debora Krischke; MACHADO, Rosana Pinheiro; LIMA, Diana Nogueira (Org.). Porto Alegre, 2006. p. 23-46.

LIMA, Maiana; SILVA, Patrícia Maria. **Valores civilizatórios africanos em performance: Emicida, Livia, Natália e Guellwar Adún.** Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Seminário Internacional acolhendo as línguas africanas - SIALA LÍNGUAS E CULTURAS AFROBRASILEIRAS E AS NOVAS TECNOLOGICAS Salvador – BA. 22 a 26/09/ 2014

MATTOS, Ivanilde Guedes. **A negação do corpo negro: representações sobre o Corpo no ensino da educação física.** Tese de Doutorado. PPGEduc – UNEB. Salvador, 2007.

MAUSS, Marcel . **Sociologia e Antropologia.** São Paulo, Cosac Naify, 2003.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra.** Salvador, Edufaba/ Pallas. 2004.

VALENTIM, Danielle Rodrigues de Souza. **Mercado de Bens Simbólicos: representações visuais de negras e negros na fotopublicidade brasileira.**

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN
– 2 a 4/07/2015

Sites

<http://historianointerior.blogspot.com.br>

<http://1.bp.blogspot.com>

<http://a-historia-do-trabalho-escravo.webnode.com/blog/>

<http://www.mcnadv.com.br>

<http://www.purepeople.com.br>

<http://arquivo.geledes.org.br>

<http://negraecrespa.com>

<https://www.google.com.br/maps>